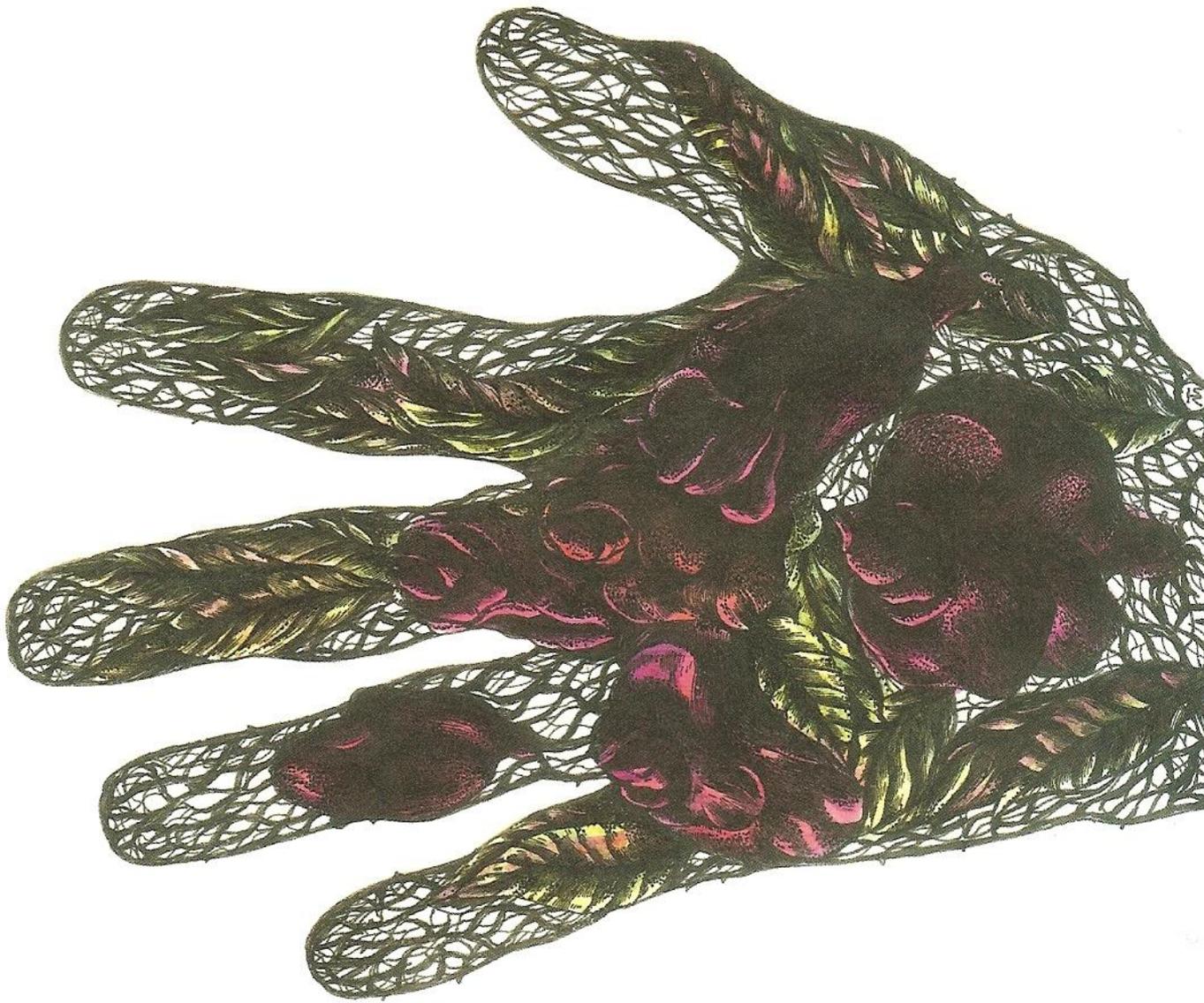


Licínio C. Lima

# Educação ao longo da vida

Entre a mão direita e a mão esquerda de Miró



CORTEZ  
EDITORIA

*Conselho Editorial de Educação:*

José Cerchi Fusari  
Marcos Antonio Lorieri  
Marcos Cezar de Freitas  
Marli André  
Pedro Goergen  
Terezinha Azerêdo Rios  
Vitor Henrique Paro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lima, Licínio C.

Educação ao longo da vida : entre a mão direita e a mão esquerda de Miró / Licínio C. Lima — São Paulo : Cortez, 2007.

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-0199-7

1. Aprendizagem 2. Cidadania 3. Educação - Finalidades e objetivos 4. Educação de adultos 5. Educação permanente 6. Educação popular I. Título.

07-0979

CDD-370

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação e aprendizagem 370

Licínio C. Lima

# EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

Entre a mão direita e a  
mão esquerda de Miró

CORTEZ  
EDITORA

EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA: entre a mão direita e a mão esquerda de Miró  
Licínio C. Lima

*Capa:* Estúdio Graal com ilustração de Tiago Manuel

*Revisão:* Agnaldo Alves, Maria de Lourdes de Almeida

*Composição:* Dany Editora Ltda.

*Coordenação editorial:* Danilo A. Q. Morales

Por recomendação do autor, foi mantida a ortografia vigente em Portugal.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor e do editor.

© 2007 by Autor

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Bartira, 317 — Perdizes

05009-000 — São Paulo-SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

e-mail: [cortez@cortezeditora.com.br](mailto:cortez@cortezeditora.com.br)

[www.cortezeditora.com.br](http://www.cortezeditora.com.br)

Impresso no Brasil — fevereiro de 2007

## Sumário

Prefácio .....	7
1. Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida .	13
2. Educação de adultos e cidadania democrática .....	37
3. A educação popular e a adaptação ao mercado competitivo. .	55
4. Entre as lógicas da educação popular e da gestão de recursos humanos .....	71
5. Da vida, ao longo das aprendizagens: comentários finais ...	101
Referências bibliográficas .....	115

## Prefácio

Exposto a fortes pressões e contradições, o conceito de educação ao longo da vida é apresentado, neste pequeno conjunto de ensaios, entre dois pólos ou duas distintas forças de atracção, cuja distância se revela como um *continuum* capaz de integrar múltiplas gradações. A educação ao longo da vida encontra-se, segundo esta perspectiva, metaforicamente entre a mão direita e a mão esquerda do pintor catalão Joan Miró; umas vezes mais próxima da direita e, noutras circunstâncias, mais íntima da esquerda. Em qualquer dos casos situa-se, em cada momento histórico, político e social, no contexto de determinadas políticas e práticas culturais e educativas, entre duas mãos, ou seja, numa situação dialéctica.

No poema "O sim contra o sim", integrado no seu livro *Serial* (1959-1961), João Cabral de Melo Neto tematiza poeticamente a situação de impasse a que Miró teria chegado a partir do momento em que a sua mão direita se tornou demasiado sábia e destra, de tal forma que perdeu a capacidade de se reinventar; ao contrário, a sua mão esquerda, sendo menos hábil e adestrada, seria menos funcional e, por essa razão, menos óbvia, mais criativa e, especialmente, com maior desejo de aprender:

*Miró sentia a mão direita  
demasiado sábia  
e que de saber tanto  
já não podia inventar nada.*

A Tiago Manuel,  
pela mão do artista e pela amizade  
de quase meio século.

Idêntica seria, de resto, a situação do pintor holandês Piet Mondrian, de acordo com o mesmo texto do poeta pernambucano, e do mundo:

*Mondrian*, também da mão direita  
andava desgostado;  
não por ela ser sábia:  
porque, sendo sábia, era fácil.

Poderá o leitor ser tentado a atribuir conotação ideológica a cada uma das mãos: uma direita mais funcional e conservadora, e uma esquerda menos adaptada e mais transformadora. A este propósito, os textos aqui reunidos são claros quanto à análise das políticas educacionais contemporâneas, ainda que em termos poéticos o elogio da inventividade da mão esquerda pressuponha, como se reconhece no poema, que o sujeito não seja “canhoto”, situação em que, compreensivelmente, a mão sem habilidade e, por isso, mais livre e criativa, com maior potencial de aprendizagem, seria a direita.

Mas uma leitura enclausurada em termos puramente antinômicos (mão direita *versus* mão esquerda), no que às políticas e práticas de educação ao longo da vida se refere, seria demasiado simplista e empobrecedora. Daí, também, a opção pelo *entre-deux* e pelas respectivas tensões, admitindo situações complexas de um certo hibridismo, com a presença simultânea, eventualmente com intensidades variadas, de ambas as mãos, isto é, de uma educação *ambidestra*.

Com efeito, na mais perfeita adaptação (à estrutura social, à economia, à competitividade e à produtividade, etc.) a educação ao longo da vida, como veremos, afasta-se da sua raiz humanista e crítica, tendendo mesmo a ver fortemente diluídas as suas dimensões educativas, para se afirmar sobretudo como formação e aprendizagem funcionalmente ao serviço do ajustamento e da adaptação aos chamados novos imperativos da economia e da sociedade. Transforma-se, em consequência, em programas de “qualificação”, de “capa-

citação” e de “gestão de recursos humanos” onde, não raras vezes, só muito dificilmente conseguimos descortinar as acima referidas dimensões educativas, já amplamente substituídas por programas de treinamento (ou de adestramento) subordinados à *empregabilidade* e à *performatividade competitiva*. Trata-se, nestes casos, do triunfo de uma política educativa que concedeu um grande protagonismo à “mão direita” da educação ao longo da vida, transformando-a numa espécie de capítulo da gestão de recursos humanos através de certas perspectivas predominantemente vocacionalistas e de formação profissional. As lógicas da educação popular de adultos, da educação cívica, da educação comunitária e para o desenvolvimento local, orientadas segundo uma tradição crítica, de emancipação e de “conscientização” (aqui simbolicamente associadas à “mão esquerda” da educação ao longo da vida) tendem, então, a ser recusadas ou, sendo toleradas, atribui-se-lhes um estatuto periférico em termos de políticas públicas e um mais baixo *status* em termos socioeducativos.

Como se compreende, a crítica à “mão direita” da educação ao longo da vida assenta no seu carácter pragmatista, hoje dominante, e na tendência para a procura de soluções pedagogistas e individualistas para enfrentar problemas estruturais de manifesta magnitude. Em rigor, muitos dos sectores que hoje lhes são mais típicos, como é o caso da formação profissional e contínua, não são dispensáveis no âmbito de uma concepção de educação ao longo da vida mais ampla, que lhes possa conferir sentido educativo em termos estratégicos. Assim se confrontando, criticamente e criativamente, com os problemas da economia, do trabalho e do emprego, por exemplo, porém sem denegar o seu carácter educativo, as suas responsabilidades sociais e ético-políticas; procurando por isso contribuir, ainda que de forma modesta e limitada, para a criação de condições de transformação positiva das condições da nossa existência individual e colectiva, para o aprofundamento da democracia, dos direitos humanos e da justiça social, seguindo a metáfora da “mão esquerda” da educação ao longo da vida.

Isto significa, em última análise, admitir o já antes referido projecto de uma educação ao longo da vida com carácter *ambidestro*, ainda que reconhecendo a necessidade de uma maior expressão da sua “mão esquerda” face ao seu potencial de reinvenção e de *aprendizagem do novo*. Reconhece-se, em todo o caso, que um certo grau de adaptação é inerente a qualquer projecto de educação ao longo da vida, desde logo quando esse projecto confere centralidade à vida dos adultos, à sua leitura do mundo, às suas aprendizagens experienciais ou, até, do tipo tentativa-erro. Mas isto implica também reconhecer a substantividade da vida ao longo da educação e das aprendizagens permanentes dos indivíduos, e não o curso da vida reduzido a uma interminável sucessão de formações e de aprendizagens úteis e eficazes, segundo apenas uma determinada racionalidade de tipo económico e gerencial, perseguindo em tal contexto, e acima de quaisquer outros valores e interesses, o alcance da *solução ótima*, a busca do *menor meio*, um sistema que amestra os seres humanos para o trabalho, “mesmo quando o sistema há muito deixou de precisar do seu trabalho”, como Theodor Adorno (2003: 139) pertinentemente antecipou. E também em Adorno (2000: 143) podemos encontrar o carácter ambivalente da adaptação em educação, por um lado necessária e, por outro lado, absolutamente insuficiente: “A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objectivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior”.

É exactamente neste sentido que, recentemente, István Mészáros (2005: 75) reconhecia que a educação “Não pode ser vocacional”, dado que isso “em nossas sociedades significa o confinamento das pessoas envolvidas a funções utilitaristas estreitamente predeterminadas, privadas de qualquer poder decisório”.

São estas as principais teses e linhas de argumentação constantes dos ensaios, até agora dispersos, reunidos neste livro pela pri-

meira vez. Trata-se de cinco textos, dos quais os quatro primeiros retomam versões publicadas ao longo da última década, resultantes de intervenções em variados contextos e circunstâncias, de que aqui se deixa breve notícia, aproveitando para agradecer aos respectivos editores a autorização concedida para que os pudesse retomar, rever e apresentar de forma minimamente articulada.

O primeiro ensaio, que agora intitulei “Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida”, resulta de uma conferência que proferi em Novembro de 2002 em Lisboa, no âmbito da conferência internacional *Cruzamento de Saberes – Aprendizagens Sustentáveis*, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, na sequência de um convite que me foi dirigido por João Ferreira de Almeida (comissário da conferência e professor do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa); o texto que então produzi foi integrado no livro que, com o título da conferência internacional, foi publicado no ano seguinte em edição da Fundação (Lisboa, 2003, pp. 129-148).

O texto seguinte retoma um trabalho que publiquei na Revista *Inovação* (Vol. 9, 1996, pp. 283-297), então editada pelo Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação, e que procurava articular alguns aspectos abordados num conjunto de conferências que, em meados da década de 1990, havia proferido: na Universidade de Coimbra, nas *Primeiras Jornadas de Educação de Adultos* (a convite de António Simões), num seminário internacional realizado na Alemanha, subordinado ao tema *Educação Política e Políticas de Educação de Adultos* (a convite de Johannes Kandel e com organização da Gustav-Heinemann-Akademie, Freudenberg) e, finalmente, numa conferência internacional sobre *Educação Política e Democracia Europeia* (a convite de Ruud Veldhuis e com organização do Instituut voor Publiek en Politiek e do Bundeszentrale für Politisch Bildung), realizada em Maastricht (Holanda) — cf., respectivamente, Lima, 1996a; 1995a; 1996b.

“A educação popular e a adaptação ao mercado competitivo”, por sua vez, resulta de duas conferências que proferi em 2004 sobre educação popular e políticas educacionais: uma a convite de Jim

Crowther (Universidade de Edimburgo/Escócia), na *Terceira Conferência Internacional da Rede de Educação Popular* (PEN), que se realizou na Universidade do Minho (Braga/Portugal) e a outra, a convite de João Francisco de Souza, num seminário sobre *Educação, Teoria Social e Pedagogia*, realizado na Universidade Federal de Pernambuco (Recife/Brasil).

O quarto texto, agora intitulado "Entre as lógicas da educação popular e da gestão de recursos humanos", foi inicialmente publicado em 2005 como capítulo de um livro organizado por Rui Canário e Belmiro Cabrito (*Educação e formação de adultos. Mutações e convergências*, Lisboa, Educa, pp. 31-60) e corresponde a uma conferência que proferi na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, a convite de Rui Canário, incidindo sobre as políticas de educação de adultos em Portugal entre 1974 e 2004, isto é, durante as três décadas que se seguiram à Revolução do 25 de Abril de 1974.

O quinto e último texto pretende apresentar, sinteticamente, alguns comentários finais, revisitando certos temas abordados nos capítulos precedentes e, especialmente, reflectindo sobre algumas dimensões do analfabetismo e do conceito de alfabetização funcional.

Uma última palavra para registar que os ensaios aqui reunidos resultaram de uma reflexão apoiada em vários trabalhos de investigação que conduzi, ao longo da última década, no âmbito da Unidade de Educação de Adultos (até meados de 2004) e do Centro de Investigação em Educação, ambos da Universidade do Minho, beneficiando do apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e de diversos financiamentos da União Europeia, no quadro de projectos de pesquisa e também de intercâmbio e de leccionação em diversas universidades e instituições europeias. Beneficiando, ainda, da generosidade e do interesse que, entre outros, os colegas atrás mencionados manifestaram pelo meu labor académico e a quem, por essa razão, devo uma palavra de justo agradecimento.

L. C. L.

Braga, Abril de 2006